

Alta dos juros, outro tipo de “imperialismo”

**Da sucursal de
BRASÍLIA**

“Trata-se da mais nova forma de imperialismo.” Assim o ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, interpretou a nova alta das taxas de juros externas cobradas pelos bancos norte-americanos, que promove a transferência progressiva de recursos dos países pobres para os países ricos, impedindo-os inteiramente de cumprir seus compromissos financeiros.

Se os credores externos não buscarem novas formas de negociação, tanto dos débitos dos países pobres e em desenvolvimento quanto do atual sistema de comércio, alertou Camilo Penna, será inevitável o cancelamento, por parte dos mais pobres, de suas dívidas. Depende deles (dos ricos), exclusivamente, a disseminação do popular “calote”.

Camilo Penna disse discordar da argumentação do embaixador norte-americano Diego Asencio de que é inviável a negociação da dívida externa dos países do Terceiro Mundo na base de governo a governo, porque os débitos foram contraídos junto a bancos particulares. O argumento do ministro é que significativa parcela da dívida externa dos países pobres resulta da política fiscal e monetária adotada pelos países credores, e que provocaram

aumento nas taxas de juros. Portanto, é imprescindível a negociação entre governos dos países pobres e governos dos países ricos responsáveis pelo desequilíbrio financeiro do Terceiro Mundo.

AÇO

O ministro confirmou que o Conselho de Não-Ferrosos e de Siderurgia do MIC está trabalhando em cima da expansão do setor siderúrgico sem, entretanto, traçar planos para serem “celebrados com pompa”. Apenas serão ajustados parâmetros sempre que as condições de mercado forem alteradas.

No momento, disse, a Siderbrás, o Consider e o ex-ministro das Minas e Energia, Antônio Dias Leite, estão trabalhando junto com técnicos do Banco Mundial na busca de uma ampla renegociação dos débitos externos das usinas siderúrgicas estatais, que atingem US\$ 7,5 bilhões, aproximadamente.

O Bird é importante mutuário da Companhia Siderúrgica Nacional e da Cosipa, e o ministro disse que seu aval às reivindicações da Siderbrás representará um “passaporte” para as siderúrgicas negociarem com seus credores privados. No momento, as duas siderúrgicas pleiteiam um empréstimo de US\$ 150 milhões para concluir seus cronogramas de obras, mas o banco não desembolsou nada, por enquanto.